



# **Projeto Mário Travassos**

**Artigo de Opinião**

## **Um dia diferente diferente**

**(Opinião de inteira responsabilidade do autor)**

**2023**

## **TÍTULO: Um dia diferente diferente**

Alan de Lima Cunha

A noite estava chegando, então ele sabia que sua rotina começaria em breve. Um martírio sem fim. As mãos que o guiavam determinavam cada passo de sua existência. As luzes queimavam seus olhos, mas aos poucos arrefeciam. E, mesmo assim, ele gritava devido à dor provocada por aqueles “lasers” na sua retina.

A água entrava em sua boca, uma profusão de odores lhe tocava o véu palatino. Dizem que o olfato é responsável por trinta por cento do paladar. Menta, anis, sal, hortelã-pimenta, canela, baunilha, cloro... Sabores e cheiros: amoníaco, soda cáustica... Ele urrava...

Mas a rotina seguia. Agora a sua pele seria submetida a muitas provações. A lâ feria. A aspereza da trama escoriava a pele; o fogo era esfregado em seus poros. Às vezes ele conseguia afastar aquilo. Na maior parte do tempo, no entanto, ele desmaiava protestando, sufocado, espremido, coçando-se, exasperado.

O “laser” agora era branco-quente; sua retina doía. Outra trama era friccionada em sua pele. Cheiros invadiam-no. O espaço aberto o apavorava. Os sons cada vez mais se ampliavam. Ele sabia que era somente o começo. Luz, poliéster, gás, vento, lâ, vozes, sirenes. Açoites. Mal terminara essa confusa experiência, outra se iniciava.

Os dedos dos seus pés agora seriam colados, amarrados, pressionados, aprisionados! Tentava correr enquanto passava por inúmeros obstáculos; o espaço que antes parecia enorme lhe parecia restrito. Era capturado, conseguia se desvencilhar e era capturado novamente. Os caçadores demonstravam-se implacáveis: andavam devagar, conheciam a área. Cercavam-no numa covardia sem tamanho. Eram três, às vezes quatro; falavam baixo. De repente, um deles gritava! O som do grito era como um guincho estridente. Muitas vezes ele perdia o equilíbrio. A alta-frequência do som o obrigava a tampar os ouvidos com as mãos. Às vezes, a falta de braços livres prejudicava sua fuga. Os cotovelos impediam também a visão periférica. O choque com a madeira era inevitável e frequente. Certa vez, conseguiu alcançar uma velocidade suficiente pra fugir, mas um

som dissonante o atingiu. Levantou os olhos e o choque veio. Caiu sangrando. Foi capturado em seguida.

Esse dia está diferente! Diferente é igual a ruim. Isso é uma certeza. Diferente dói a cabeça. Diferente é sinônimo de insegurança, perigo. Diferente é como um navio zarpar sem capitão, uma ave planar em voo cego. Novidades são como um acidente que ele presenciara um vez, diante dos quais reagira sorrindo, quando, na verdade, aquilo o assustara de uma forma tremenda.

Foi quando uma moça atravessava a rua, carregando pacote e o calor extremo poderia ter comprometido o seu raciocínio. Uma moto talvez atrasada, levando comida, irrompeu ao lado do ônibus e acertou a jovem em cheio. As embalagens voaram e caíram no chão, abrindo-se, dispostas no formato do estado de São Paulo. As pessoas ao redor levaram a mão à boca para não sentir o mau cheiro da comida ordinária.

Ele havia rido muito. Todos os olhos virados para sua direção. Não enxergara os olhos, mas os sentia. O medo do acidente equiparava-se ao desconforto daqueles olhos. Sorrir não era uma opção naquele momento... Por que ele reagira assim? Ele deveria ter gritado? Ter tampado sua boca, como as velhas senhoras na calçada? Ou correr em círculos? Sim, girar sobre si mesmo poderia ser uma solução. Aliviaria pelo menos aquele tumulto de sensações.

Seria hoje um dia singular como aquele? Isso se tornaria um padrão em sua vida?

A bola amarela no céu ainda estava lá, agora mais forte, tépida. Sentia a luz tocar a sua pele, e a cor vermelha vinha à sua cabeça. Sentia falta do azul. O vento empurrava a luz para trás, mas ela o tocava novamente. A luz o estava seguindo para onde quer que ele fosse. Nunca a tinha visto tão insistente e tenaz. Por vezes, ele se escondia atrás de prédios, somente para voltar em seguida para o ponto de partida. Um diferente ruim. Um padrão de linhas negras apareceu à sua frente, resolveu tocá-las e sentir a aspereza dos ferros. Lanças imensas apontavam para a luz branca, uma ao lado da outra.

Algo inusitado realmente aconteceu. As mãos que sempre o guiavam conduziram-no por corredores e portas, todas da mesma cor suave. O toque das paredes rugosas era prazeroso, lembravam curvas de nível. Entrou em um novo espaço. Conseguiu libertar seus pés dos sapatos e sentiu o frescor. Avistou outros seres ali. Eles tinham um sorriso no rosto, mas eram como os que o havia trazido até ali. Ele esperou que se aproximassem e tentassem arranhar sua pele encostando as mãos. Como isso era desconfortável! No entanto, não tentaram tocá-lo; deixaram-no livre. Havia móveis da sua altura. Estranho!

Ele tinha crescido ou o mundo havia ficado do seu tamanho? A luz branca e quente passava por uma fresta, em filetes, apenas em um canto da sala, junto com a poeira.

– Bem-vindos à nossa escola, senhores.

– Obrigado, doutor – disse o pai.

– Estudei aqui quando criança. Passo por esses portões de ferro desde muito jovem e posso dizer que estudo e aprendo ainda mais aqui dentro, mesmo depois de ter me formado como psicólogo.

– É fácil ver o carinho que toda a equipe tem pela escola – disse a mãe.

– Achei tudo muito organizado – falou o pai.

– Como tem sido a rotina de vocês?

– Tentamos manter as atividades dentro de um padrão todo santo dia. Quando variamos um pouco, as coisas saem do controle. À noite, ele fica muito incomodado, principalmente quando acendemos as luzes, por isso procuramos diminuí-las, mesmo a escuridão sendo um pouco depressiva. A luz do dia o incomoda bastante também – respondeu a mãe.

– E a rotina do sono? Continuou o psicólogo.

– Escovar os dentes é difícil também; ele não se dá com a pasta dental. Já tentamos dezenas de tipos e nada – Comentou o pai.

– O mais difícil é na hora de dormir. No inverno, o pijama incomoda. Ele grita até adormecer de cansaço – falou a mãe.

– O dia a dia é como?

– O que mais o distrai são mapas, respondeu a mãe. Fica horas entretido, estudando e seguindo as linhas dos atlas que temos em casa. Ele detesta calçar sapatos, foge sempre. Olhe ali, já está descalço! Fatalmente um de nós, o pai ou eu, perdemos a paciência de tanto correr atrás dele pela casa. Gritamos, o que só faz piorar. Ele só para quando bate em algum móvel. Certa vez, quase apanhamos na rua porque ele riu de um acidente de trânsito. As pessoas não entendem...

– A partir de hoje vocês vão ter um melhor entendimento da situação, disse o psicólogo. Vamos trabalhar em parceria. Temos meios apropriados para receber garotos como ele, e nossa escola tem trabalhado para oportunizar diferentes necessidades de ensino!

Ao ouvir essas palavras, os pais perceberam que, naquele momento, um diferente diferente começaria a se formar. Os olhos voltaram-se para ele. Todos sentiram que ele também havia notado.

O filho percebeu que outras pessoas de sua estatura se aproximaram. Pareciam interessadas, mas não o olhavam diretamente. Será que saberiam como fugir? Pensou. Saberiam girar? Um dos seres maiores atrás deles falou:

– Oi! Eles também são como você. Vamos nos divertir muito! Naquela sala temos tudo que precisamos. Vem comigo!